

A autora que conquistou  
o coração das leitoras

# Jill mansell

Três Coisas  
Incríveis  
Sobre Ti

Quando menos  
esperas, o amor  
acontece.

TOP  
SEL  
LER

# Capítulo 1

*Agora*

*Pronto, chegou o momento; está na hora de confessar. Ao longo dos últimos dois anos, pedi-vos a todos que me dissessem três coisas sobre vocês. E, em troca, nunca vos disse nada sobre mim. O que, provavelmente, não tem sido muito justo, pois não?*

*É agora uma da manhã; estou no banco de trás de um carro, a caminho de Londres, e decidi, porém, abrir o jogo.*

*Portanto, aqui vai:*

- 1. Tenho 28 anos, sofro de fibrose cística e, na verdade, nunca esperei viver até esta idade.*
- 2. O coordenador de transplantes do hospital ligou-me há duas horas — têm um novo par de pulmões para mim.*
- 3. Nunca tive tanto medo na vida. Nem entusiasmo. Mas sobretudo medo. Porque está prestes a acontecer algo gigante, e, como sou covarde, não consigo evitar pensar no pior cenário possível.*

*Portanto, agora já sabem os motivos para a revelação. Se esta for a minha última entrada no site, compreenderão porquê. Espero mesmo que não seja, escusado será dizer.*

*E mais uma coisa. Obrigada, obrigada, OBRIGADA à maravilhosa família do dador por me ter dado este presente, esta oportunidade incrível. Sentir-me-ei grata até ao dia da minha morte, e*

Hallie parou, releu o que tinha escrito e apagou a última frase. Em vez disso, escreveu: «Espero que saibam o quão incríveis são. A vossa coragem, a vossa bondade e a vossa generosidade serão lembradas para sempre.»

Pequenas gotas de chuviscos de verão salpicavam o para-brisas. Hallie observou a noite quente, lá fora; uma tabuleta que dizia «Londres 40 km» surgiu do escuro e ficou para trás. Os candeeiros de rua emitiam uma luminosidade âmbar, e só em uma ou outra casa se via luz à janela; já quase toda a gente dormia, àquela hora. Em breve, contudo, a aurora iluminaria o céu, os despertadores tocariam e as pessoas continuariam a viver as suas vidas normais, sem sequer pararem para pensar em quão milagrosas as suas vidas eram.

O simples facto de conseguirem inspirar e expirar, só isso já era bastante milagroso...

O caráter definitivo de tudo aquilo atingiu-a como se fosse a primeira vez. Ainda havia a possibilidade, claro, de a compatibilidade dos tecidos não ser suficientemente boa e de o transplante não se realizar. Por esse motivo, não fizera ainda o upload do seu post. Contudo, dentro de poucas horas, poderia estar na sala de operações a receber os pulmões de outra pessoa. E quem sabe o que poderia acontecer depois disso?

Quantas pessoas leriam o que escrevera? O que iriam pensar?

Recostando-se, Hallie pensou na frase que apagara e desejou poder apagar, com a mesma facilidade, a canção que agora não lhe saía da cabeça. Era uma boa canção, que as pessoas adoravam cantar em sessões de karaoke. Toda a gente cantava entusiasticamente o refrão.

Ela não sabia ao certo como era a letra, mas o último verso do refrão era algo do género: «This could be the day that I die... this could be the day that I die...»<sup>1</sup>

Bem, ao menos parecia que o seu cérebro ainda tinha algum sentido de humor.

### *Antes*

— Olá! Como vai tudo? O que andas a fazer?

O rosto de Hallie iluminou-se ao ouvir a voz de Bea.

— Queres mesmo saber? Está bem, eu digo-te. Mas aviso-te já: vais ficar *cheia* de inveja!

— Chuta.

— Estou em Veneza, na esplanada do Caffè Florian, na Praça de São Marcos. O sol brilha, os sinos repicam e o empregado acabou de abrir uma garrafa de *Prosecco* gelado.

— O empregado é giro?

— O que é que achas?! Isto é Veneza! É claro que é giro! Está a lançar-me um daqueles olhares de empregado giro — disse Hallie.

— Com os *olhos*.

— Hum... e ele está a ouvir-te dizer isso?

— Não há problema; ele não percebe uma palavra de inglês. Talvez o seduza mais tarde. Ele tem um certo ar de Bradley Cooper.

— De certeza que não é de Tommy Cooper<sup>2</sup>?

— Cala-te!

— Há pombos, aí?

— Sim, montes.

— A minha mãe foi à Praça de São Marcos, uma vez. Um pombo fez-lhe uma caganita na cabeça.

— Que maravilha.

<sup>1</sup> Verso de *American Pie*, de Don McLean. «Este pode ser o dia em que vou morrer», numa tradução literal. [N. da T.]

<sup>2</sup> Ilusionista e comediante britânico muito pouco fotogénico. [N. da T.]

— Ficou tão furiosa! — disse Bea. — Tinha arranjado o cabelo especialmente para a viagem. No teu lugar, eu não me demoraria muito por aí. Vem-te embora enquanto podes. Esses pombos italianos são maquiavélicos.

— Está bem, convenceste-me. Vou saltar para o meu helicóptero, agora, e voar até casa.

— Acho que fazes bem. Passo por tua casa depois do trabalho, logo à noite?

— Sim, ótimo.

— Por volta das sete, então. Vemo-nos mais tarde. Até logooo!

Hallie pousou o telefone e ajeitou o edredão, que estava outra vez torto. Sentou-se numa posição mais confortável e ajustou as almofadas o melhor que pôde. Havia uma arte qualquer para se ficar na cama sem ter de estar sempre a compor tudo, mas ela ainda não a dominava. Arquear as costas, esticar os ombros, ajeitar o rabo e inclinar o pescoço, fazia tudo parte.

Depois de se esticar e aninhar mais ou menos na posição que queria, fitou, pela janela, o céu índigo do entardecer. Faltava uma semana para o Natal, e as luzinhas coloridas começavam a acender-se. Dali, tinha, provavelmente, a melhor vista da vila: à esquerda, a rua principal; à direita, o rio Windrush, com a sua ponte baixa em pedra e a fiada de lojas, hotéis e casas, todos cor de mel, na margem oposta. Conseguia observar o vaivém dos transeuntes, registar as movimentações das pessoas que conhecia e ver os trajetos dos turistas que passeavam por Carranford, a joia da coroa do Norte de Cotswolds.

Não havia muitos visitantes durante os meses de inverno, claro, mas o suficiente para tornar interessante o exercício de observação de pessoas e manter abertas as lojas voltadas para o turismo. Naquele momento, via-se um grupo que vagueava por ali, a tirar fotografias sem fim, a entrar e sair de lojas, a comprar recordações de que não precisavam, bem como presentes de Natal para amigos e familiares. Pelos vistos, muitos deles, quando rasgassem os papéis de

embrulho natalícios, iriam descobrir um guarda-chuva com paisagens de Carranford. Bea devia ter vendido mais de uma dúzia, só hoje.

Faltavam oito dias para o Natal. Hallie tentou não se perguntar se este seria o seu último, pois tais pensamentos não tinham resposta possível e em nada ajudavam. Além do mais, a resposta era sempre «talvez».

Vendo bem, isso aplicava-se a toda a gente no planeta.

Afastando a pergunta da mente, ligou o *iPad* e foi ver os e-mails. Tinham chegado vários, nessa tarde, de visitantes do site. Ótimo, teria algo com que se entreter até à chegada de Bea. Para quê perder tempo a indagar se este seria o seu último Natal? Havia problemas muito mais importantes em que pensar, como de que forma uma rapariga deveria lidar com a descoberta de que está a namorar, inadvertidamente, com dois rapazes gémeos, e a melhor forma de um homem de meia-idade dividir o seu tempo, nesta época festiva, entre a sua aborrecida esposa e a sua amante arrebatadora.

Hallie criara o site durante uma estadia prolongada e particularmente entediante no hospital. As pessoas não gostavam todas de ler as colunas de conselhos sentimentais? Ela sempre gostara. Adorava lê-las, bem como inventar soluções para os problemas. Quando o colunista não fazia uma dada sugestão útil, Hallie ficava roída por não conseguir juntar-se à conversa e acrescentar a sua própria resposta.

A solução para este dilema particular havia sido, então, criar um site e começar ela própria a oferecer conselhos.

Não o fizera como a pobrezinha-da-Hallie-com-os-pulmões-defeituosos-e-esperança-de-vida-limitada. Nada disso! Isso só teria criado inibições nas perguntas; soubera-o desde o início. Não, quando as pessoas tinham problemas nas suas vidas, esses problemas eram avassaladoramente importantes para elas, e era preciso, simplesmente, respeitá-lo. Ninguém tinha de sentir que não consegue competir com a pessoa que está a oferecer conselhos.

Assim, mantivera o anonimato desde o início. Tudo o que os leitores sabiam era que ela era do sexo feminino. O site chamava-se *Três*

*Coisas Sobre Ti*, e quem lhe escrevia a pedir conselhos acerca de um problema tinha de referir três coisas sobre si. Se escolhiam revelar coisas importantes ou pormenores, isso era com eles, mas consistia sempre num indicador interessante do seu caráter, e Hallie usava-o para compreender melhor cada pessoa.

Claro, durante as primeiras semanas não houvera quaisquer leitores, e ninguém enviara questões, simplesmente porque ninguém sabia que o site existia. Ela precisara de inventar problemas, de ir buscar perguntas a revistas antigas, adaptá-las, e responder, por palavras suas, a pessoas que, na verdade, nada lhe tinham confidenciado.

Contudo, pouco depois, começou a surgir interesse. Graças ao poder das redes sociais, as pessoas foram descobrindo o site, e, por terem gostado, começaram a espalhar a palavra entre os seus amigos. O número de visitas aumentou, e os leitores começaram a enviar os seus problemas, o que era bom para eles e permitia-lhe a ela passar mais tempo a investigar os temas relevantes e a compilar as melhores respostas possíveis.

Desde então, a popularidade do site continuara a crescer. Os leitores conheciam-na como Rose, o seu segundo nome. Os visitantes do site podiam, igualmente, contribuir com os seus conselhos, mas era ela quem decidia se o texto era publicado ou não. As respostas de Rose eram, em geral, consideradas ótimas, e a sua relação com quem lhe escrevia era insuperável. Ela mostrava-se calorosa, perspicaz e compreensiva, algo que os leitores valorizavam.

Quase tanto quanto Hallie os valorizava a eles.

Abriu o primeiro e-mail:

*Querida Rose,*

*1. Sou bombeiro.*

*2. Jogo rãguebi.*

*3. Tenho medo do escuro.*

*Tenho 46 anos, estou casado há quase 20, e a minha mulher não sabe que eu gosto de usar roupa interior feminina. Bem,*

*ninguém sabe. O meu problema é que, na semana passada, a minha sogra decidiu aspirar e lavar o meu carro enquanto eu estava fora, em trabalho. Sendo ela do tipo minucioso, tirou o pneu sobresselente na bagageira e encontrou o soutien e as cuecas que eu tinha lá escondidos.*

*Agora acusa-me de estar a ter um caso e exige que confesse tudo à minha mulher. Eu sei como é a minha sogra — não vai descansar até que eu o faça. O que lhe parece que deva admitir, Rose? Ser infiel ou travesti? Sinceramente, não sei qual das duas opções ela aceitará mais facilmente.*

Ceeeeerto.

O segundo e-mail dizia:

*Querida Rose,*

- 1. Sou feia.*
- 2. Sou gorda.*
- 3. Odeio a minha vida.*

*Há um rapaz de quem gosto muito, na minha turma, mas ele nunca olha para mim. Achei que era por eu não ser magra o suficiente, porque ele parece só gostar de raparigas magras. Então, em outubro, deixei de comer e já perdi 20 quilos, mas ele continua a não estar interessado.*

*O que tenho de errado e como posso fazê-lo apaixonar-se por mim? Só quero ser feliz. Acha que o irei conseguir se perder mais peso? Ajude-me, Rose. Estou tão infeliz que só me apetece morrer. Por favor, peço-lhe, diga-me o que fazer.*

O coração de Hallie condoeu-se da adolescente desesperada e infeliz. Iria responder a este pedido primeiro. Pobre rapariga! Uma boa dose de mimo não seria má ideia.

## Capítulo 2

**E**ra véspera de Natal e Tasha Sykes chegara à conclusão de que ir às compras três horas antes de ter de estar no aeroporto talvez não tivesse sido a sua ideia mais brilhante.

Havia coisas de última hora que precisara de comprar, e não estava à espera de que houvesse *tanta* gente tão desorganizada quanto ela. As lojas estavam quentes e apinhadas, o frio cortante da rua causava-lhe ardor no nariz e o seu telemóvel não parava de zumbir com mensagens das suas amigas, que exigiam saber por que motivo se fora embora cedo da festa da noite anterior.

Tasha estava a ignorar as mensagens; não era nada a que as suas amigas não estivessem já habituadas. Pareciam bem mais incomodadas do que ela própria com o facto de continuar solteira e estavam sempre a tentar fazer-lhe arranjinhos com homens que não lhe despertavam o menor interesse. A noite anterior fora mais do mesmo, uma festa elegante, depois de jantar, em Hampstead, cheia de casais, à exceção de uma pessoa inocente que havia sido atraída até lá em seu nome.

Pobre coitado.

Céus, que pesadelo! E ele parecia tão *simpático* — o problema era esse. Chamava-se Tom, tinha um aspeto decente, trabalhava como contabilista, o que até daria imenso jeito. Mostrara-se cortês, interessado nela, uma boa companhia e estava bem vestido.

Ela quase — *quase* — ponderou ter um encontro a dois com ele, se não fosse um pormenor...

— As quê? — sussurrou Jeannie, na cozinha. — As orelhas? Qual é o *mal* das orelhas dele?

— São peludas. — Tasha detestou pronunciar aquelas palavras; sabia exatamente a que tipo de pessoa soava.

Jeannie fez um gesto como quem diz «E então?».

— Ele é homem. São coisas que acontecem.

— Sim, mas é um bocado nojento. Não gosto de olhar para elas.

— Então não olhes!

— Mas vou continuar ciente de que estão lá.

— Esse é o único defeito dele?

Tasha encolheu os ombros, impotente; provavelmente não seria, mas só conseguia concentrar-se nisso.

— Não consigo evitar sentir isto.

— Mas, depois de o conheceres, podias fazer com que ele as rapasse — sugeriu Jeannie. — Podias oferecer-lhe uma bela sessão de massagens e depois tu própria as depilavas com *Veet!*

— Tens noção de o quão nojento isso soa? — A mera ideia fez Tasha contorcer-se.

— Eu costumava achar o mesmo das unhas dos pés do Barry, e agora nem sequer me incomodam!

Só estava a piorar. Tasha disse:

— Preciso de me deitar cedo, seja como for. Vou-me embora sem me despedir de ninguém.

— És demasiado picuinhas, é esse o teu problema. Encontramos-te homens ótimos e tu nem sequer lhes dás uma hipótese. Há sempre um defeito qualquer.

— Não sou demasiado picuinhas. Eles, simplesmente, têm de ser a pessoa... certa.

— Perfeita, queres tu dizer. — Jeannie era direta. — Esse é o teu problema. Tu não és perfeita. Ninguém é. Se vais ficar à espera de um homem que não tenha defeitos... mais vale desistires já, porque ele não existe.

Isto era verdade, sem dúvida, mas não mudava o que Tasha sentia. Além disso, orelhas peludas. Blhec!

Por volta do meio-dia, estava quase despachada; à exceção de duas coisas, tinha riscado todos os itens da lista. Carregada como um burro, quase esmagou os seus sacos nas portas giratórias ao sair da Marks & Spencer. Estava cheia de calor e a sentir-se bastante claustrofóbica, no seu grande casaco cor-de-rosa. Quanto aos braços, bem, dois simplesmente não bastavam. Doíam-lhe de segurar em tanta coisa, e estava tão volumosa que os sacos e os embrulhos batiam inadvertidamente nas outras pessoas...

Certo, tinha de se organizar. Três dos artigos, encomendados online e levantados na loja, eram bastante mais pequenos do que as caixas em que tinham sido entregues. Tomando uma decisão executiva, Tasha pousou a montanha de compras, removeu as embalagens e arrumou tudo num menor número de sacos. Pronto, assim era *muito* melhor! Encantada com as suas capacidades organizativas, enfiou as embalagens de que se havia livrado num caixote do lixo próximo e, a seguir, despachou os sacos vazios. Alongou e fletiu os ombros doridos e pegou nos sacos cheios. OK, ainda estavam pesados, mas eram muito mais fáceis de transportar, sendo também menos provável que derrubassem crianças pequenas.

E... novamente ao comando. Agora só faltava ir buscar uma caixa de bolachas de Natal e o lenço prateado para a sua mãe, e estaria despachada.

Contente consigo mesma, virou à esquerda e encaminhou-se para a última loja. Quando abriu a porta, estava a tocar a sua música de Natal preferida, e uma brisa de ar fresco e deliciosamente fragrante encheu-lhe os pulmões. À distância, ouviu uma rapariguinha dizer:

— Mamã, olha aquela senhora com o casaco cor-de-rosa. É bonita.

Subitamente, tudo estava bem no mundo. Uma onda de alegria envolveu-a. Nessa tarde ia apanhar o avião para visitar a mãe ao Sul de França e iriam passar o Natal juntas... Haveria alguma coisa mais perfeita do que isso?

Vinte minutos mais tarde, já não estava tudo bem no mundo, e parecia que uma mão gelada lhe apertava o coração, enquanto Tasha revistava, desesperadamente, pela terceira vez, a carteira e os bolsos.

— Está aqui algures. Tem de estar! Eu tinha-o comigo na última loja...

A fila atrás dela já começara a dar sinais de irritação com a espera.

— Então o melhor é ir ver se ficou lá — disse a rapariga especialmente antipática que a atendia na caixa.

— Mas eu sei que não o deixei lá. Eu tinha-o na mão...

Era impossível reconstituir mentalmente o trajeto quando os Slade berravam «*MERRY CHRRIIIIISSSTMAAAAAS*» nas colunas e se estava em pânico.

O homem atrás de Tasha, na fila, disse em voz alta:

— Desculpe, o meu tempo de parquímetro está quase a chegar ao fim. Posso pagar as minhas coisas?

— Sim. — A rapariga atrás da caixa registadora afastou os artigos de Tasha para o lado e estendeu o braço para receber o cesto do cliente seguinte.

Oh, céus! Onde estaria o seu cartão de crédito? O que lhe teria feito?

Sentindo-se nauseada, Tasha voltou a vasculhar os bolsos. Há três dias, o seu cartão de débito partira-se ao meio, quando estupidamente tentara limpar o gelo do para-brisas com ele, e o cartão substituto ainda não tinha chegado.

E agora o seu cartão de crédito desaparecera. Pesadelo, *pesadelo!*

— Se foi roubado, o melhor é cancelá-lo — lembrou-lhe uma mulher na fila.

Roubado...

O cérebro de Tasha encheu-se de imagens do cartão a cair no chão e a ser rapidamente posto ao bolso. Podiam fazer tantas compras com ele, mesmo em apenas 20 minutos. Acenou afirmativamente, dizendo:

— Não sei para onde devo ligar para avisar que o roubaram.

— Também não sei — respondeu a mulher, muito prestável —, mas está impresso nas costas do seu cartão.

Reunindo os seus sacos, Tasha apressou-se a sair da loja. Quando tivera dificuldades em carregar tudo na Marks & Spencer, desistira de voltar a pôr o cartão de novo na sua carteira atafalhada. Lembrava-se agora: pusera o cartão num dos sacos de plástico. O seu coração galopou de otimismo, até se aperceber de que o saco era um daqueles que havia deitado fora quando reorganizara as compras num Tetris desenrascado.

O que significava, se tudo corresse bem... que ainda *deveria* estar no caixote do lixo.

Sem fôlego e a arfar, Tasha deparou-se com o caixote, aliviada por ainda não ter sido despejado, mas um tanto desmoralizada com a quantidade de tralha que tinham deitado nele desde que saíra dali, incluindo uma caixa de polistireno aberta, com os restos de um *kebab* que alguém não quis, a escorrer sobre a pilha.

A vida também seria mais fácil se este fosse um caixote daqueles sem tampa. Mas não, era do tipo retangular, fechado em cima e com aberturas laterais, tipo caixa de correio. Embora, felizmente, fosse mais largo do que uma caixa de correio.

Pronto, mais valia não perder tempo. Tasha pousou os seus muitos sacos no passeio, retirou o casaco de lã cor-de-rosa e enrolou as mangas do vestido preto...

*Blhec*, aquilo era mesmo nojento! Em poucos segundos, tinha as mãos pegajosas de molho, pedaços de alface colados ao braço, e um copo do McDonald's virado ao contrário pingava gelado derretido para cima de si. Havia pontas de cigarro, batatas fritas ensopadas em vinagre e mais qualquer coisa repulsivamente viscosa e impossível de identificar.

— Isso é tudo fome? Se estás assim tão desesperada, compro-te um hambúrguer!

Fantástico, era mesmo disso que ela precisava. Um bando de rapazitos adolescentes com skates e trotinetes tinha-se posto a assistir.

— Vi um velho bêbedo a vomitar nesse caixote, há bocado — gritou um dos rapazes.

— E também mijou aí — acrescentou outro, fazendo o grupo desatar a rir.

OK, aquilo não era verdade; estavam apenas a dizê-lo para a irritar. Fazendo questão de os ignorar, Tasha ajoelhou-se e inclinou-se sobre o caixote gélido de ferro forjado, enfiando o braço até às profundezas imundas. Os rapazes continuavam a fazer chacota, os transeuntes paravam para observar, e ela tateava, desesperadamente, tentando *apalpar* um mísero cartão de crédito dentro de um saco de plástico amachucado...

— Pode tirar a mão daí? — guinchou uma mulher de expressão amarga, que segurava um copo de papel.

— Estou só à procura de uma coisa.

— Bem, eu preciso de deitar isto no lixo e estou com pressa.

— Desculpe, mas... — Tarde demais: a mulher já tinha atirado o copo de papel para o caixote, deixando um dos braços de Tasha a escorrer *cappuccino* morno. Entredentes, murmurou: — E um Natal muito feliz para si também.

— Aposto que aí também há cocó de cão e tudo! — Os rapazes estavam perdidos de riso, a competir entre si para ver quem tinha as ideias mais asquerosas. Um deles começara a andar de skate à volta do caixote, e o som das rodas a zumbirem ameaçadoramente junto aos pés de Tasha, não a atropelando por poucos centímetros, só tornava tudo mais difícil.

— Pronto, rapazes, já chega! Vão à vossa vida.

Era a voz controladora de alguém que não estava minimamente intimidado por um bando de adolescentes encapuzados e que tomava as rédeas da situação sem o menor esforço. Como vinha diretamente de trás de si, Tasha não conseguia ver quem era o dono da voz, mas estava certamente feliz por ele ter aparecido.

## Capítulo 3

— Então — disse a voz masculina depois de os adolescentes se terem ido embora nos seus skates —, quer dizer-me o que se passa aqui?

— Não tomei o pequeno-almoço, e estava só à procura de umas batatas fritas.

Quando Tasha tirou o braço do caixote do lixo e se voltou, descobriu que aquela voz autoritária não pertencia a um agente da Polícia. Bem, pelo menos não a um que estivesse fardado. O seu salvador tinha mais ou menos a mesma idade que ela, 20 e muitos anos, e era bastante bem-parecido, com a sua roupa desportiva e descontraída.

Ele sorria perante o comentário insolente dela.

— Então está com sorte... Encontrou uma — indicou ele, apontando-lhe para o braço. — Tem uma batata frita presa ao cotovelo.

Oh, perfeito! Tasha esticou o braço sujo e abanou-o até a batata saltar. O sorriso dele aumentou.

— Sabe o que parece?

— Um veterinário prestes a enfiar a mão no traseiro de uma vaca, provavelmente.

— Era exatamente o que eu ia dizer. Temos estado a observar, do café do outro lado da rua, a propósito. A fazer apostas quanto ao que estaria aqui a fazer.

— E a rirem-se de mim.

Ele mostrou-se sentido.

— Nããão. Bem, talvez um pouco. Mas sobretudo os outros. Eu não.

— Bem, fico muito contente por ter conseguido proporcionar-vos entretenimento. É como se todos os meus sonhos de Natal se tivessem concretizado.

— Ei, eu vim até aqui ver se precisava de ajuda.

Tasha fitou-o.

— Se estiver a oferecer-se para vasculhar o caixote e tentar encontrar o meu cartão de crédito, isso seria fantástico.

Agora que estava a prestar-lhe a devida atenção, Tasha reparou nos incríveis olhos dele; eram de um verde-claro transparente, com anéis mais escuros à volta da íris, e pestanas escuras muito densas, como as de uma rapariga.

— Repare que não me ofereci para lhe dar uma *mão*. — Fez um trejeito com a boca, tirando um saco do lixo do bolso do blusão e sacudindo-o. — Mas posso segurar nisto, com muito gosto, enquanto esvazia tudo para aqui. Caso contrário, ficará uma eternidade aí às apalpadelas.

Aquilo fazia sentido. Era uma boa ideia. Puseram mãos à obra.

— Costuma andar sempre com um saco do lixo para o caso de haver uma emergência? — perguntou Tasha.

— Sempre. — O olhar de ambos cruzou-se. — Pronto, pedi-o à empregada do café.

— E depois veio em missão de salvamento, como o Super-Homem.

— Algo do género. Obrigada — acrescentou ele secamente, quando ela, ao tirar a caixa de *kebab* pela ranhura, salpicou o pulso dele com o molho picante.

— Desculpe. — Ela não lamentava assim *tanto*.

— Já agora, tem realmente a certeza de que o seu cartão de crédito está aí?

— Espero que sim. — A parte de trás do pescoço de Tasha picava-lhe com a transpiração. Tirou mais um punhado de lixo molhado, voltando a salpicar a parte da frente do vestido com mais molho.

— Não seria mais fácil cancelar o cartão e mandar vir um novo?

— Seria, mas preciso dele. Vou diretamente daqui para o aeroporto de Luton.

O Super-Homem levantou uma sobrancelha.

— Vai de viagem na véspera de Natal? De férias?

— Vou passar a semana com a minha mãe, em Saint-Tropez. E consegui partir o outro cartão que tinha. Acontece tudo na altura mais inconveniente.

— Definitivamente, vai precisar de um cartão de crédito em Saint-Tropez. — Ele acenou-lhe com a cabeça, ao ver que ela tinha ficado parada. — Não pare. Continue à procura.

Contudo, Tasha estava concentrada naquilo que os seus dedos tinham acabado de sentir. Tateou de novo e tocou no plástico amachucado de um saco com qualquer coisa rígida no interior... Oh, vá lá, vá lá, que seja o cartão de crédito...

Quase sem se atrever a respirar, explorou as arestas, fechou a mão à volta do pequeno retângulo e retirou-o do meio dos detritos no interior do caixote.

— Sim! — Com um suspiro de triunfo, puxou o saco pela fresta, retirou o cartão de crédito e... bem, não, não era capaz de beijá-lo, mas *quase*.

— Fantástico! — O Super-Homem sorriu ao vê-la respirar de alívio e a apertar o cartão contra o peito como se fosse uma medalha olímpica. Fechou o saco que mantivera aberto para Tasha, achatou-o o mais que conseguiu e enfiou-o com alguma dificuldade no caixote do lixo.

— Graças a Deus! — Retirando um lenço do bolso, Tasha limpou o melhor que pode a sujidade na sua mão direita.

— Ótimo! — Ele hesitou. — Agora, posso pedir-lhe uma coisa?

Oh, estaria prestes a pedir-lhe o número de telefone?

Como alguém que, definitivamente, *não* estava a pôr essa hipótese, ela fitou-o com uma expressão surpreendida, dizendo:

— Claro! O quê?

Ele apontou para trás dela.

— Vê as pessoas no café, que têm estado a assistir a tudo? Podia dizer-lhes adeus?

— Oh! — Ao voltar-se, Tasha viu que, de facto, tinha público. Para disfarçar a desilusão de não lhe ter sido pedido o número de telefone, esboçou um grande sorriso e agitou o cartão de crédito no ar, para lhes mostrar que fora encontrado. Os clientes, bastante gentis, aplaudiram e acenaram de volta.

— Conhece aquelas pessoas? — Ela estava maravilhada com o entusiasmo que demonstravam.

— Não, nunca ali tinha ido. Acho que estão apenas com espírito natalício. — Ele encolheu os ombros. — Ou isso ou estão um pouco bêbedas.

Tasha colocou o cartão na carteira, fechou bem a mala, desenrolou a manga do vestido e vestiu o casaco.

— Se quiser ir lavar as mãos, posso ficar de olho nos seus sacos.

Tasha olhou para o relógio, recuperando a noção das horas. Na verdade, ele não parecia o tipo de pessoa que foge com as compras de Natal de última hora de alguém, mas nunca se pode ter a certeza. Os homens que não eram de fiar costumavam parecer de confiança.

— Não é preciso, eu tenho uma embalagem de toalhitas. E tenho mesmo de ir.

Ele assentiu.

— Sim, não vai querer perder o seu voo. Se quiser, posso ajudá-la a levar as coisas até ao seu carro.

O rosto de Tasha iluminou-se.

— Oh, bom, isso...

O telefone dele tocou, interrompendo-a, e ele antedeu.

— Olá! Sim, não há problema. Vou buscar-te. Vinte minutos, pode ser? — Tasha não estava a bisbilhotar a conversa; simplesmente, era

impossível não ouvir a voz feminina que protestava do outro lado da linha. — Está bem, cinco minutos. Espera por mim à porta da loja e já aí vou ter.

Lá se iam as suas esperanças por água abaixo.

— Eu estou ótima. É melhor ir. — Tasha começou a reunir a sua coleção desordenada de sacos quando ele terminou a chamada. — Obrigada por ter vindo ajudar-me, em todo o caso. Fez a sua boa ação do dia, Super-Homem.

Os olhares de ambos fixaram-se, e, durante uma fração de segundo, a expressão na cara dele fê-la pensar que algo de mágico poderia estar prestes a acontecer, afinal. Havia faíscas de eletricidade no ar entre os dois. Tasha susteve a respiração. No momento seguinte, um floco de neve pousou-lhe no nariz, surpreendendo-a e quebrando completamente o feitiço.

— Está a começar a nevar. — Ao olhar para cima, Tasha viu os flocos a caírem de um céu cinzento-pálido. — Seja como for, obrigada mais uma vez. Tenho mesmo de ir. — Apontando com a cabeça para o telemóvel na mão dele, acrescentou: — E você também.

— Sim, pois é. Espero que se divirta muito em Saint-Tropez.

— Obrigada. Assim farei. — Tasha pegou no último dos seus sacos, ainda atrapalhada com o que quase tinha acontecido. — Bem, adeus. Feliz Natal, Super-Homem!

Ele hesitou, com flocos de neve grandes e penugentos a pousarem-lhe no cabelo escuro, de expressão ilegível no olhar. Depois, quando o telefone voltou a tocar, impacientemente, levantou a mão num gesto de despedida.

— Sim. Adeus. Para si também.

No voo para Nice, Tasha deu por si entalada entre um francês de meia-idade com excesso de peso que parecia ter lavado os dentes com alho, e um outro, mais novo e com peso a menos, que tresandava a tabaco ressequido. Este último adormeceu encostado ao seu ombro, ressonando como uma motoreta avariada.

No que tocava a fantasias com dois franceses, esta pecava pela falta de glamour.

OK, razões para parar de pensar no homem do café.

Para começar, nem sequer sabia o nome dele. Por estúpido que agora parecesse, tinha ficado à espera de que ele avançasse esta informação sem ter de lhe perguntar. Mas ele não o fizera; portanto, caso encerrado.

Ele também não lhe perguntara o nome.

Ele tinha uma namorada chata e exigente. Bem, não com certeza absoluta, mas por aquilo que ouvira ao telefone, o mais provável era que fosse esse o caso.

Por amor de Deus, porque é que estava obcecada com alguém com quem passara apenas dez *minutos*? Não sabia nada sobre ele. Podia ter um milhão de hábitos irritantes de que ela não tivera tempo de se aperceber durante o seu encontro fugaz.

Respirou fundo. Nunca mais voltaria a vê-lo, fosse como fosse, e essa era a principal razão de todas. Não sabia quem ele era, e, por seu lado, ele também não sabia nada dela.

O que importava que ele tivesse parecido muito simpático e não tivesse orelhas estranhamente peludas? Tinham partilhado uma centelha de atração, era tudo. Ele tivera a oportunidade de lhe pedir o número de telefone e não o fizera.

Quem perdia era ele.

Raios!

## Capítulo 4

**B**em, que situação desconfortável!  
A última das visitas enlutadas tinha-se ido embora, e Flo estava na cozinha, com os sapatos de salto alto atirados para um canto, a lavar a louça.

Na sala, a executora testamentária tinha acabado de dar as más notícias aos netos da falecida Elsa, e, a julgar pela reação, não estavam a digeri-las bem.

— O quê?! — A voz de Lena, aguda e incrédula, ouvia-se através das portas fechadas. — Oh, por favor, diga-me que isto não passa de uma brincadeira!

Flo passou um copo de pé alto por água e pô-lo a secar no escorredor. Ao que parecia, o Inferno não conseguia igualar a fúria de uma mulher que não recebe um apartamento soalheiro na melhor zona de Clifton, em Bristol.

Pelo menos não por enquanto.

— Mas isso não é JUSTO! — berrou Lena. — Ela não pode FAZER isso!

Flo trocou um olhar com *Jeremy*, que estava deitado no seu sítio habitual diante do radiador.

— Oh, céus, prepara-te! Parece que alguém não está lá muito contente contigo.

*Jeremy* piscou os olhos e abanou a cauda preguiçosamente. Ele era do tipo descontraindo, que aceitava as coisas como elas eram, sem se preocupar muito com isso.

A porta da cozinha abriu-se de rompante, e *Lena Travis* apareceu, alta e angulosa no seu fato preto, mais parecendo um louva-a-deus furioso.

— Então tu sabias disto o tempo todo! — Os seus gelados olhos azuis semicerraram-se com desdém. — Provavelmente a ideia até foi tua. Meu Deus, pessoas como tu dão-me *náuseas*.

Flo secou as mãos e disse:

— A ideia não foi minha.

Por sorte, estava habituada a ouvir gritos de pessoas que achavam que sabiam mais do que ela, pelo que a explosão de *Lena* não a assustou.

Bem, não muito.

— É melhor vires — disse *Lena*, gesticulando em direção à sala de estar. — E, para que saibas, vou contestar isto até às últimas consequências.

Na sala de pé-direito alto, *Mary*, amiga de *Elsa*, servia-se de mais café, da cafeteira de prata no aparador. Elegante e de gestos precisos, estava quase com 70 anos e conhecia *Elsa* há mais de 30. De pé, junto à janela de caixilho voltada para *Caledonia Place*, estava o neto de *Elsa*, *Zander*, dois anos mais novo que a sua irmã, mas extremamente parecido com ela. Ambos de cabelo escuro, maçãs do rosto pronunciadas, olhos azuis amendoados e sobrancelhas muito pretas, tinham traços de vampiros. Uma vez que viviam do outro lado da praça, Flo estranhou nunca antes os ter conhecido pessoalmente, mas os seus caminhos simplesmente não se haviam cruzado.

Pelo menos *Zander* parecia mais calmo e menos transtornado, embora também não se pudesse dizer que estivesse encantado.

— Certo — disse *Mary*, que fora solicitadora de *Elsa* e era a única executante do seu testamento. — Permitam-me só esclarecer que foi a *Elsa* quem tomou a decisão relativamente a esta propriedade.

Ela não foi coagida nem persuadida por ninguém. Flo, há quanto tempo conhecia a Elsa?

— Há dois anos. Há pouco mais de dois anos — respondeu Flo.  
— Em outubro.

— E a Elsa disse-me há cinco anos que era isto que queria. Ela já tinha decidido, mesmo nessa altura.

— Mas ela só conhece a minha avó há dois anos! E agora fica com esta casa! Em que medida é que isso é justo?

— Chiu! — Zander abanou a cabeça, irritado. — Para de guinchar.

— Eu guincho se quiser! — disparou Lena. — Esta é a situação mais ridícula DE SEMPRE!

Que par encantador! Flo passou os dedos pelo cabelo, cuidadosamente esticado antes do funeral, mas, agora, graças à chuva, novamente no seu estado natural descontrolado, aos caracóis tipo saca-rolhas.

— Olhem, eu não *fico* com este apartamento...

— Ai não?! — respondeu Lena. — A mim parece-me que sim.

— Basta! — Zander olhava a irmã com raiva, do outro lado da sala.

— Vou falar com um advogado sobre isto. Um advogado *a sério*.

— Sinta-se mais do que à-vontade para o fazer — disse Mary.  
— Mas estou a dizer-lhe que não conseguirá mudar nada. Sou perfeitamente capaz de criar um testamento com validade legal. E este está blindado.

— Bem, isso não impede que seja ridículo. — Lena agarrou na mala e tirou o telemóvel. — Por amor de Deus, como é que ela me pôde fazer isto?! É só uma merda de um gato!

Os pensamentos de Flo evadiram-se dali. Recordou o dia em que conhecera Elsa Travis, depois de responder ao anúncio que ela afixara na Estação de Correios.

— O problema de ter 82 anos é que eu *sei* tudo — explicara Elsa. — Simplesmente, já não consigo *fazer* tudo. Já não sou... ágil. No fundo, procuro alguém a quem possa telefonar sempre que precisar de ajuda com qualquer coisa.

— Como uma espécie de boa vizinha — sugerira Flo.

— Exatamente. Acertou à primeira. E os meus vizinhos são ótimos, são excelentes pessoas. Mas estão sempre ocupados, têm as suas próprias vidas, e, mesmo que gostassem de me ajudar, não têm tempo. — O olhar de Elsa era perspicaz e desprovido de sentimentalismo. — A última coisa que quero é tornar-me um incômodo. Prefiro muito mais pagar a alguém para me fazer recados e biscates.

— Faz sentido. — Flo anuíra, compreensiva.

— Claro que faz. Por isso é que estou a fazê-lo. Onde vive?

— Na Barrow Street. Fica a três minutos de distância, de bicicleta.

— Que idade tem?

— Tenho 30.

— E trabalha no lar de idosos há cinco anos. Porquê?

— Porque não? Gosto muito de lá estar.

— A sério? — Elsa levantou uma sobrancelha. — Flo é diminutivo de quê?

— Florence.

— Um nome curioso para alguém com 30 anos.

— Espere até saber o meu segundo nome.

— Qual é?

— Se me contratar, eu digo-lhe — respondeu Flo.

Elsa fitou-a durante um longo segundo e depois desatou a rir.

— Vá, pronto. Está contratada. Agora diga-me.

Flo manteve uma cara séria.

— Elsa.

— Deus do céu!

— Eu sei. A minha mãe tinha 200 anos de idade quando me teve.

— Até me admira que a Flo não tenha fugido de casa.

Esse havia sido o seu primeiro encontro, e, daí em diante, fora sempre assim. Elsa tinha os seus momentos; podia ser irascível e impaciente, mas as duas alimentavam uma boa relação, pontuada pelo humor.

Duas vezes por dia, quando os seus turnos no lar de terceira idade o permitiam, Flo telefonava a Elsa para saber como estava, levava-lhe as compras que ela tinha pedido, fazia pequenas tarefas que era preciso fazer, ia levantar receitas à farmácia e aspirava a enorme quantidade de pelo que *Jeremy* largava pela casa.

O *Jeremy* era a paixão de Elsa e o motivo pelo qual havia recusado terminantemente ir viver para um lar.

— Mas há muitos sítios onde permitem ter animais de estimação — retorquira Flo da primeira vez que o assunto foi referido.

— Talvez — fungara Elsa. — Mas o *Jeremy* não iria gostar.

Eles eram unha com carne, o par perfeito, ambos irritadiços e distantes. *Jeremy* não queria misturar-se com outros gatos, e Elsa achava as outras pessoas profundamente aborrecidas. Estavam ambos muito bem tal como estavam, muito obrigada.

Felizmente, Flo tinha gostado de *Jeremy*, achando graça aos seus ares de desdém de quem já viu muita coisa, e *Jeremy*, por seu lado, também a tolerava. Até que, ao fim de um ano, *Jeremy* saiu uma tarde e não voltou para jantar. Era um animal fiel aos seus hábitos; perceberam logo que se tinha passado alguma coisa. Ao fim de sete horas de buscas numa noite de chuva e vento, Flo encontrara-o a miar baixinho debaixo de uma sebe, em Sion Hill.

Atropelado por um carro e abandonado à beira da estrada, *Jeremy* tinha sofrido vários ferimentos e lesões internas graves. Mais uma hora ou duas, segundo lhes disseram, e já teria sido demasiado tarde. O veterinário avisou-as de que, ainda assim, ele poderia não resistir, mas Elsa, muitíssimo aflita, insistia para que se fizesse tudo para o salvar. O dinheiro não era problema. Não deviam — não *podiam* — deixar *Jeremy* morrer.

Ele sobrevivera, claro. Fora preciso algum tempo, muitos cuidados e mais dinheiro do que algumas pessoas ganham num ano. Apesar disso, lentamente, *Jeremy* tinha recuperado. E Elsa reparara no amor e na dedicação com que Flo tratava o seu querido animal de estimação.

— Tenho uma proposta para te fazer. — Aflorara o assunto com frontalidade. — Se eu morrer antes do *Jeremy*, cuidas dele?

— Claro que sim! — Sensibilizada por ser considerada digna de tal honra, Flo prosseguiu: — Terei de ver com o meu senhorio. Sei que não nos autorizam a ter cães, mas tenho a certeza de que ele...

— Minha nossa, estás doida?! — Elsa mostrou-se horrorizada. — O *Jeremy* não quereria viver numa cave húmida qualquer. Eu quis dizer que tu te mudarias para aqui com ele.

— Para aqui? Oh! Por quanto tempo?

— Enquanto ele viver, está claro. Esta é a casa dele. É aqui que é feliz.

— Certo. Então eu seria a... inquilina do *Jeremy*.

— Exatamente. Este apartamento deve ser melhor do que aquele onde vives agora. E não pagarias renda. Que tal te parece? — Bem, não havia dúvida de que o enorme apartamento do período georgiano em Caledonia Place era bastante melhor do que o seu estúdio numa cave húmida na Barrow Street. — E o *Jeremy* só tem 9 anos — sublinhou Elsa. — Se eu morrer amanhã, podes ficar aqui nos próximos dez anos. É aquilo a que eu chamo um bom negócio. — Flo ponderou a oferta. Era, de facto, bastante boa. — Só to proponho porque sei que tomarias bem conta dele — prosseguiu Elsa. — Podes não gostar tanto dele quanto eu, mas és a melhor substituta quando eu partir.

— Está bem, combinado, aceito. — Flo anuiu e sorriu. Pouparia uma fortuna na renda.

— Depois de o *Jeremy* morrer, o apartamento vai para os meus netos. Nessa altura terás de sair, obviamente.

— Obviamente. — Divertida, Flo imaginou-se a ficar, a recusar-se a sair, acorrentando-se a um radiador.

— Linda menina. Está decidido, então. — Satisfeita, Elsa prosseguiu: — Vou telefonar à Mary e garantir que ela põe isto no testamento.

Coisa que fez.

A atenção de Flo voltou ao drama presente; Lena estava ao telefone com um qualquer infeliz jurista que não estava a dar-lhe as notícias que ela queria ouvir. Novamente furiosa, explodiu:

— Oh, Marcus, és um idiota tão presunçoso! Não admira que a Arabella te tenha deixado! — E desligou abruptamente.

— Imagino, portanto, que o Marcus concorde comigo. — O tom de Mary era seco.

— Ele é um pateta! — Lena ainda fervia de ressentimento. — O que me incomoda é o modo como a minha avó nos escondeu este seu plano ridículo. Quer dizer, por amor de Deus, porque é que ela não nos *disse*?

O irmão de Lena respondeu, arrastadamente:

— Estás mesmo a fazer essa pergunta? Basta ouvir-te.

— Bem, este foi um dia para lá de horrível, e para mim chega. — Lena pegou na sua dispendiosa mala preta. — Anda. Não adianta aqui ficar. Vamos embora.

Da janela, Flo ficou a observar os dois irmãos a percorrerem o passeio em direção ao seu próprio apartamento, no outro lado dos Mall Gardens.

Quando desapareceram de vista, Mary disse:

— Correu bem, não foi? Se eles a incomodarem mais, diga-me.

— Assim farei. Esperemos que ela se acalme. — *Jeremy* tinha-se juntado a elas na sala de estar. Esfregou o flanco na perna de Flo, e ela inclinou-se para pegar nele. — Pobrezinho, tens saudades da Elsa, hum?

*Jeremy* piscou os olhos, arrogantemente, e desviou o focinho.

Mary disse:

— Também tenho de ir. Fica bem, aqui?

— Ficamos ótimos. — Flo acariciou a cabeça aveludada do gato. — Mas, pelo sim pelo não, acho que sou capaz de lhe comprar um colete à prova de bala.

## Capítulo 5

**N**aquela noite, a campainha tocou às 20 horas.

— Olá, é o Zander.

— Ah. — Flo esperou, com o dedo no intercomunicador.

— Posso subir?

— Depende. Vais gritar comigo?

— Não. Céus, não! Juro.

— Está bem. — Ela carregou no botão do trinco, abriu a porta e ficou a ver Zander Travis subir os lanços de escada na sua direção. Tinha trocado o fato do funeral por umas calças de ganga e uma camisola cinzento-clara, o que lhe dava menos ar de vampiro. Porém, as arrogantes maçãs do rosto e os olhos de um azul-elétrico eram ainda inquietantes.

— Então... Olá de novo. — Ele fez uma curta pausa. — Achei que devia vir até cá e pedir desculpa.

Flo inclinou a cabeça para um dos lados.

— Achaste que devias?

Zander esboçou um sorriso breve, reconhecendo a má escolha de palavras.

— Quis cá vir. Lamento. A minha irmã também lamenta.

— Lamenta?

Outra pausa significativa.

— Ela vai acalmar. A notícia apanhou-a de surpresa. Se não conheces a minha irmã, é difícil explicar a sua maneira de ser.

— Oh, acho que deu para ficar com uma ideia geral — disse Flo.

— Sim, bem... A Lena sempre foi um pouco... agitada. — Zander encolheu os ombros. — Quando a nossa avó morreu... bem, é claro que ela ficou triste...

— Hum... — A resposta de Flo era indefinida.

— Mas, de facto, ela presumiu que ficaria com o apartamento.

— Que ficariam os dois.

Ele acenou em concordância.

— Sim, que ficaria para ambos. Mas eu já tenho o meu apartamento, do outro lado da rua. A Lena não.

— Também me pareceste enfasiado quando a Mary explicou as condições do testamento.

— Sim, bem, isso talvez tenha que ver com o facto de a minha irmã estar a viver em minha casa há um ano. — Zander passou os dedos pelo cabelo. — Não tem sido fácil, se queres que te diga. Eu estava com alguma esperança de que ela saísse para eu poder ter o meu apartamento de novo só para mim.

— Ela já é adulta — respondeu Flo. — Só tens de lhe dizer para procurar outro sítio para viver.

— Seria de imaginar que sim. Mas não é assim tão fácil.

— Bem, lamento, mas não há muito que possa fazer quanto a isso. Com uma pitada de humor, Zander respondeu:

— Não imagino que queiras ter uma inquilina?

— Curiosamente, nem por isso.

— Bem, se mudares de ideias, diz-me. — Ele olhou em redor da sala de estar. — E onde está o *Jeremy*, afinal?

— No quarto, a ver o *EastEnders*<sup>3</sup>. É verdade — disse Flo quando Zander se riu. — Assim que ouve a música do genérico, cola-se ao televisor.

---

<sup>3</sup> Telenovela muito conhecida no Reino Unido, em exibição contínua desde 1985. [N. da T.]

— A sério? Posso ver? — perguntou ele, apontando para o quarto.

— Força.

Flo seguiu-o ao longo do corredor, até ao quarto de Elsa. Zander abriu a porta e, em silêncio, observou *Jeremy*, sentado que nem realzeza no meio da grande cama de casal. *Jeremy* olhou para eles de relance, fez um daqueles seus piscares de olhos em câmara lenta e continuou a prestar atenção ao televisor, onde uma briga *cockney* estava ao rubro.

— Que algazarra! — comentou Zander.

— Ele gosta.

— E se o *Jeremy* quer, o *Jeremy* tem. — Zander fez uma pausa, e prosseguiu: — Então e como está ele, em termos de saúde?

— Está ótimo. Mesmo bem.

— Certo. — Não parecia muito satisfeito.

— Desculpa, esperavas outra resposta?

— Olha, eu não sou um monstro. Até gosto de gatos. Se a minha avó me tivesse deixado o *Jeremy*, eu teria tomado conta dele sem problema. — Zander encolheu os ombros. — Teria tornado tudo isto bastante mais fácil.

«Até gosto de gatos.» Aí estava a resposta.

— Talvez. Mas não deixou.

Flo fechou a porta do quarto, deixando *Jeremy* ver o resto do seu programa em paz.

— E que sorte para ti! — O tom dele era neutro, e o seu olhar era arrepiantemente parecido com o de *Jeremy*.

O modo como Zander a olhava fazia-a sentir-se... esquisita. Ele era como um daqueles falinhas-mansas dos filmes, em quem não sabemos se podemos confiar ou não.

— Sim, sorte a minha — respondeu Flo. — E vou cuidar muito bem dele.

Quanto mais simpático o sorriso, menos ela confiava nele. Deu meia-volta, para se ir embora, e Zander acrescentou:

— Oh, estou certo de que sim.



Em Carranford, a maior e melhor festa de Ano Novo era a do White Hart. Havia uma banda, um comediante, um concurso de máscaras e música para dançar. A tenda nas traseiras do *pub* reverberava com o ruído das colunas, e vários cães e crianças de todas as idades corriam de um lado para o outro na pista de dança.

A cadeira de rodas de Hallie também andava às voltas, mas Hallie não estava a usá-la. Estava sentada num banco, a beber sidra e a comer batatas fritas, enquanto Bea empurrava o primo.

— És uma péssima condutora — disse ela a Bea quando os dois passaram por si. — Devias usar uma daquelas placas de aprendizagem com um «L».

— Que grande atrevida! E é bom que escondas essa bebida — respondeu Bea. — Há um olho médico a controlar-te.

— Oh, raios, a sério?! Quem? — Hallie não conseguia evitar; tinha 28 anos e ainda sentia medo da Dra. West. Ridiculamente, era uma daquelas reações pavlovianas que se recusava a desaparecer. A Dra. Jennifer West, na casa dos 40, tinha qualquer coisa de Jeremy Paxman<sup>4</sup>; gostava de ralhar e interrogar, e a sua postura deixava homens adultos com as pernas a tremer.

— Não te preocupes. — Bea sorriu perante a expressão na cara da amiga. — É só o Luke.

Graças a Deus! Hallie descontraíu e não chegou a esvaziar o copo no vaso atrás de si. A adrenalina correu-lhe nas veias por outro motivo muito diferente; não que ela o admitisse a fosse quem fosse, mas já há alguns meses que tinha um fraquinho pelo Dr. Luke Hilton. Era uma paixoneta vã, do tipo nunca-vai-acontecer, claro; bastante inofensiva. Luke era tão simpático, e vê-lo animava sempre o seu dia.

Era muito menos provável que ele lhe desse um longo raspanete na noite de Ano Novo sobre os perigos da desidratação decorrente da ingestão de álcool do que se fosse a Dra. West.

<sup>4</sup> Locutor e entrevistador britânico conhecido pelos seus modos abrasivos. [N. da T.]

Ao vislumbrar Luke no meio das outras pessoas, Hallie acenou-lhe e viu-o ziguezaguear pelo meio da pista de dança. Usava uma camisa às riscas verdes e brancas, calças escuras e um blusão de cabedal preto. Tinha o cabelo claro, cortado curto, mais ou menos à médico, e segurava uma garrafa de cerveja sem álcool, o que parecia indicar que estava de serviço.

— Olá. Então, sempre conseguiste vir até cá.

— Sim. — Hallie sorriu; os olhos dele eram tão bonitos, cinzentos, carinhosos e compreensivos. — Não tinha a certeza de estar capaz, mas achei que deveria tentar. — Ela mostrou-lhe o copo. — Esta é a minha primeira bebida, a propósito.

Luke encolheu os ombros.

— Não te vou dar um sermão.

— Obrigada. Em todo o caso, tenho a minha cadeira comigo. Talvez me vá embora às nove, para descansar um pouco em casa, e depois volte mais tarde, se ainda estiver acordada. — Hallie fez um esgar. — Eu sei, eu sei, gosto de viver no limite.

— Não há nada de errado em levar as coisas com calma. — Luke apontou para o pacote que ela segurava. — Vais oferecer-me uma dessas batatas fritas ou não?

Hallie estendeu-lhe o pacote, mas, assim que Luke pôs a mão lá dentro, o telemóvel dele tocou.

— Sim... sim... — Ele ficou a ouvir a voz do outro lado. Por fim, disse: — Sem problema, vou já para aí.

— Pacientes egoístas — comentou Hallie quando Luke pousou a sua bebida. — Ficam doentes e estragam-te a noite. Espero que não seja nada demorado.

— Nunca se sabe. Bem, vou andando. — Ele tirou algumas batatas fritas, para lhe darem energia. — Se eu não voltar, feliz Ano Novo.

— Obrigada. — Seria? Quem saberia dizer? Hallie sorriu e respondeu: — Para ti também.

## Capítulo 6

**O**K, aquela estava a tornar-se uma noite de passagem de ano e tanto. E, até agora, não num bom sentido.

Rory McAndrew era, por natureza, impaciente. Detestava ficar na fila fosse para o que fosse. Detestava ter de esperar. Era tudo tão inútil, uma perda de tempo tão grande; porquê esperar quando se pode estar antes a fazer qualquer coisa interessante, divertida ou construtiva?

Desta vez, porém, a espera era por um bom motivo. O processo, em si, podia ser extremamente aborrecido, mas, se ele insistisse, o resultado poderia valer a pena.

Iria aguentar; ao fim de 14 horas, nem pensar que ia desistir agora. Embora a mistura de tédio e de ansiedade estivessem a deixá-lo doído.

Contudo, esta era a sua única hipótese de voltar a encontrá-la; não iria desperdiçá-la.

Rory tamborilou os dedos contra a lateral do copo de café, voltou a olhar para o ecrã das chegadas e viu que o voo atrasado de Nice estava, finalmente, prestes a aterrar. Era a sua melhor hipótese, o momento no qual passara a noite a depositar esperanças, embora houvesse sempre a possibilidade de ela não ter apanhado um voo direto.

Ele recusava-se a aceitar a ideia de que talvez o voo de regresso dela tivesse como destino outro aeroporto. Ou que, quando ela dissesse uma semana, quisesse, na verdade, dizer seis dias, ou oito...

Pronto, chegava de café; ele não queria arriscar não estar logo em primeiro lugar no momento em que ela cruzasse as portas, antes de desaparecer, segundos depois, em direção ao parque de estacionamento.

Uma das funcionárias da loja passou por ele e disse, tagarela:

— Ainda aqui está, lindo? Não é lá grande maneira de passar a noite de Ano Novo, pois não?

Rory sorriu-lhe; a mulher tinha passado o dia a vender-lhe latas de *Coca-Cola*, pacotes de pastilhas elásticas e embalagens de gomas. Além disso, ela tinha razão. Ele só esperava que nenhum dos outros homens junto às chegadas estivesse à espera da mesma rapariga.

Quando as portas de vidro se abriram, 30 minutos mais tarde, e ela surgiu, Rory sentiu algo como uma bolada no peito, uma mistura de alegria por o seu plano ter funcionado e de alívio por a insuportável espera ter chegado ao fim. Afinal não havia esperado o dia todo no aeroporto errado.

Ela estava ali.

Melhor ainda, ninguém pusera os braços à volta dela e gritara «Bem-vinda a casa, querida. Eu e os miúdos tivemos *tantas* saudades tuas!»

Rory ficou a observá-la do sítio onde estava, a dez metros da saída, quando ela parou para abrir a mala e tirar um cachecol e um par de luvas. Ia precisar deles; lá fora estava um gelo.

Oh, mas olhem para ela, olhem só para ela: tinha um rosto para o qual ele nunca se cansaria de olhar, sabia-o. Trazia uma boina preta, uma camisola preta, collants pretos e uma saia roxa ondulante, do tipo que uma patinadora artística usaria. E botas rasas de camurça preta. Estava fantástica. E confortável, também. E agora que tinha calçado as luvas, estava prestes a deixar o aeroporto...

OK, ação! Rory encaminhou-se para a saída ao mesmo tempo que ela, duas setas prestes a convergir junto à porta giratória. Quando

chegou ao pé dela, bateu com o pé nas rodas da sua mala e disse, de um modo absolutamente convincente:

— Oh, desculpe... Ei, *olá!*

Ela virou-se. Ficou de queixo caído quando o reconheceu.

— Uau! És tu! *Olá!*

— Não posso acreditar! Que enorme coincidência! — Rory abanou a cabeça, incrédulo. — Isto é incrível! Chegaste agora das tuas férias em... para onde disseste que ias, mesmo? Era Paris?

Que tal? Extremamente descontraído, extremamente à vontade.

— Saint-Tropez. — Tasha sorria, igualmente atordoada com a coincidência. — Isto é tão estranho! E tu, o que fazes aqui?

— Vim deixar um amigo, que vai para Frankfurt.

— Bem, que simpatia da tua parte! Especialmente na véspera de Ano Novo.

— O que posso dizer? — Rory encolheu os ombros, em modéstia.

— Sou uma pessoa generosa e altruísta.

— Isso eu já sabia. Sempre pronto a ajudar os outros.

— Que tal vai o teu cartão de crédito? Tens tomado bem conta dele? — Entretanto, tinham-se afastado para o lado direito da porta giratória, para não atrapalharem as outras pessoas.

— Tenho cuidado muito bem dele. — Os olhos azuis de Tasha cintilaram. — Não houve mais caixotes do lixo.

— Ótimo. E como foi o teu Natal?

— Divertimo-nos muito, obrigada. E o teu?

Ela estava a alimentar a conversa, a fazer perguntas de volta. Aquilo estava a progredir mesmo, mesmo bem. Ele assentiu, encorajado por quão bem se estava a sair.

— Sim, fantástico. A propósito, não me apresentei da última vez. Rory. Rory McAndrew.

— E eu sou a Natasha. Tasha. Tash. — Ela encolheu os ombros, generosamente. — Qualquer um serve. Escolhe.

— Gosto de todos. São todos bons nomes. — O mero som da voz dela era hipnotizante.

— Bem, imagina só, voltarmos a esbarrar um com o outro assim. Ainda nem acredito.

— Eu sei. Se calhar é o destino. — Na sua cabeça, ele tinha praticado *tantas* vezes dizer aquilo. — Olha, e que tal se nós...

— Oh, que maravilha, ela sempre apareceu! Fico mesmo contente por si. — A funcionária faladora estava mesmo à frente deles, agora de casaco vestido e com um saco na mão. Sorrindo para Natasha, disse: — Ele já cá estava quando comecei o meu turno esta manhã e tem estado à espera o dia todo. Deve ser amor!

Com um aceno alegre, a mulher desapareceu pela porta giratória de vidro, deixando Rory a afogar-se num mar de constrangimento.

Ele não conseguia encarar Tasha, mas estava dolorosamente ciente de que ela o fitava.

— O dia todo? A sério? — Ele anuiu. *Oh, Deus!* — És como o Tom Hanks, naquele filme, *Terminal de Aeroporto*? Vives aqui, é isso?

Ele obrigou-se a olhá-la nos olhos. Ela estava a tentar não se rir.

— Aquela maldita mulher! OK, eu explico. Não sou um *stalker*, e não sou um tipo esquisito. Chamo-me Rory McAndrew, vivo em Hampstead e sou consultor financeiro. Sou uma pessoa normal, juro. — As palavras não estavam a fluir-lhe tão bem, agora que tinha de improvisar. — Nunca fiz nada do género, mas, depois da semana passada... contigo e o caixote do lixo... bem, depois de te teres ido embora, não consegui parar de pensar em ti. E estava a roer-me por dentro por não te ter pedido o número de telefone. Não havia maneira de voltar a falar contigo... e pareceu-me que esse podia ser o maior erro da minha vida.

— Uau! — exclamou Tasha.

— Mas tu disseste que ias para fora durante uma semana, então achei que, se viesse aqui hoje, com um pouco de sorte, poderia voltar a ver-te. A situação não era a ideal, mas era melhor do que nada. — Rory encolheu os ombros. — Então, decidi tentar, arrisquei.

— E funcionou. Aqui estou eu. — Tasha fez um esgar. — Desculpa o atraso.

— Não faz mal. Tens namorado? — Ele susteve a respiração; este era o outro eventual obstáculo. Lá porque ela não tinha referido um namorado, isso não queria dizer que não tivesse.

— Hum, não tenho a certeza — respondeu Tasha. — Acho que tenho.

— Oh.

*Oh. Merda!*

— E tu?

Rory abanou a cabeça.

— Não. Não tenho.

— Quem foi que te ligou na semana passada? Que te obrigou a ir buscá-la?

— Era a minha tia Mel. Partiu a perna em novembro, e agora temos de estar sempre a dar-lhe boleia. Ela é bastante mandona.

— Certo. Então queres o meu número de telefone?

— Sim. — Mas e quanto ao sacana daquele possível namorado?

— Queres ir jantar comigo?

Rory acenou.

— Sim. — Aquilo seria uma espécie de truque?

— Fantástico — respondeu Tasha. — E que tal se for agora?

— O quê? Queres dizer... hoje à noite?

— Hoje à noite é agora. Portanto, sim. Mas só se quiseres, claro.

— Quero, quero. — Ele teve de perguntar: — Então, e quanto a esse namorado que tu achas que talvez tenhas?

Tasha prendeu uma madeixa de cabelo atrás da orelha, sorrindo-lhe e olhando-o como quem diz para ter paciência.

— Bem, isto pode ser um pouco precipitado, mas estou com alguma esperança de que possas ser tu.

Rory teve de repetir a frase mentalmente para garantir que significava aquilo que ele achava que significava. Reagindo, por fim, perguntou-lhe:

— Estás a falar a sério?

O sorriso de Tasha cresceu.

— Tentaste dar uma de descontraído, a fingir que nos tínhamos encontrado por coincidência. Depois apareceu aquela mulher e desmascarou-te. Então, estou a retribuir o favor e também não vou dar uma de descontraída. Sabes, tudo o que disseste sobre aquilo que sentiste depois da semana passada... ficares a roer-te por dentro e queres ter ficado com o meu número e perguntares-te se voltarias a ver-me...?

— Sim? — Rory susteve o fôlego; seria esta a sensação de ter os cinco números da lotaria e a última bola estar prestes a sair?

Tasha aproximou-se dele e pousou-lhe, ao de leve, a palma da mão contra o peito. Os olhos azuis dela brilhavam na sua direção.

— Senti o mesmo. — Tasha assentiu, para dar ênfase. — Foi exatamente igual comigo.

« Quando um livro nos consegue fazer  
sorrir, chorar e suspirar,  
sabemos que é um vencedor. »

**H**allie tem dois segredos: é autora anónima de um blogue popular, onde resolve os dilemas dos leitores; e está perdidamente apaixonada... pelo seu médico. Sim, porque Hallie tem os dias contados, e só uns pulmões novos a salvarão. Terá ela coragem de se declarar antes de partir?

Flo encontra-se numa situação caricata. Vive no apartamento de um gato. E ela só terá um teto, enquanto o felídeo estiver vivo. Com esta nova condição, surgem pessoas interessadas no apartamento que lhe querem fazer a vida negra. Flo está preparada para tudo... Mas o que fazer quando o amor lhe bate à porta com uma surpresa agridoce?

Tasha é uma mulher cidadina com um namorado viciado em aventura. É verdade que os opostos se atraem, mas estará ela preparada para a adrenalina que ele trouxe à sua vida?

**Três mulheres, muitas escolhas e uma força  
extraordinária que as une de formas inesperadas.  
Neste novo livro de Jill Mansell celebra-se a vida,  
numa história romântica sobre *carpe diem*  
e segundas oportunidades.**



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-18-8



9 789898 917188

Ficção Romântica